

CINTILAÇÕES MULTIESPÉCIES

Modos de percepção entre a antropologia e a ficção especulativa



Multispecies scintillations: ways of perception between anthropology and speculative fiction

Carlos Calenti

Universidade Federal do Amazonas

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Manaus, Brasil

carloscalenti@gmail.com | ORCID iD: 0000-0001-8615-3435

Resumo

O artigo procura enredar os modos de percepção da antropologia e da ficção especulativa na direção de uma ecologia da vida e dos mundos multiespécies. Para isso, faz do romance *Aniquilação*, do autor Jeff Vandermeer, o seu campo, pensando junto com ele em questões do antropoceno e em modos de atenção contaminados por outras espécies. A ideia de “brilho” utilizada pelo escritor e por antropólogas como Deborah Rose-Bird, é trazido para pensar nas possíveis articulações entre a ficção e a antropologia.

Palavras-chave

ficção especulativa; brilho; Área X; modos de percepção; multiespécies.

Abstract

The paper seeks to entangle the ways of perception of anthropology and speculative fiction, going in the direction of an ecology of life and of multispecies worlds. With this in mind, it makes the novel *Anihilation*, from Jeff Vandermeer, its field of work, thinking together with the book about questions of the anthropocene and of modes of attention contaminated by other species. The concept of “shimmer”, used by the writer and by anthropologists like Deborah Rose-Bird, it is mobilized to reflect on the possible articulation between fiction and anthropology.

Keywords

speculative fiction; shimmer; Area X; ways of perception; multispecies.



A minha pesquisa no doutorado, do qual esse artigo é mais um passo, propõe investigar noções e práticas de futuro em uma comunidade ribeirinha do Médio Tapajós. A ideia, desde o princípio, é não pensar no futuro linear e progressivo da modernidade ocidental, mas investigar (quem sabe ajudar a construir, coletivamente) outras possibilidades de amanhã, que abarquem formas diferentes de experimentar a temporalidade e a espacialidade, onde o futuro sempre carregue o passado consigo e sempre esteja fincado em um território específico. Para isso, o projeto procura enredar dois modos diferentes de se deixar contaminar pelo pensamento “nativo”.

Por um lado, como já falei, ele aponta para as maneiras específicas com que determinadas pessoas ribeirinhas enxergam e constroem o porvir, com o intuito de se deixar afetar por esses modos. Por outro, ele vai buscar na literatura, principalmente na ficção especulativa, outras maneiras de pensar e de criar futuros, maneiras que transformem o pensamento antropológico e a escritura da tese potencial. Nesse segundo caminho, as criações de autores de ficção científica e fantasia é que se tornam as fontes do que poderíamos chamar de “pensamento nativo”. Assim, as páginas dos romances, novelas e contos se tornam também um tipo muito especial de campo.

Uma definição exata do termo ficção especulativa seria algo muito difícil de ser feito, dada a multiplicidade de significados que ele possui. Aqui, utilizo o termo da forma mais corrente, como uma espécie de guarda-chuva conceitual abarcando uma série de expressões/gêneros não realistas, tais como a ficção científica, a fantasia, o horror, a *weird fiction* (ficção estranha), entre muitos outros. Complementarmente, também me interessa pelo termo devido à discussão sobre a ficção como uma antropologia especulativa, tal como aventada pelo escritor argentino Juan José Saer. Para esse autor, através da ficção não se produz uma negação da realidade objetiva, mas “ao contrário, submerge-se em sua turbulência,

desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma” (SAER, 2009, p. 2). O escritor argentino conclui que, “entre os imperativos de um saber objetivo e das turbulências da subjetividade, podemos definir a ficção, de um modo global, como uma antropologia especulativa” (SAER, 2009, p. 4). O teórico brasileiro Alexandre Nodari parte das reflexões de Saer e, aliando-o à Eduardo Viveiros de Castro, reflete que literatura partilharia com a antropologia da possibilidade de obliquação, que consistiria numa posição transversal entre o eu e o outro, onde se é sujeito e objeto ao mesmo tempo. A diferença entre a ficção e a antropologia seria que, na segunda, os mundos com que entramos em contato fazem parte da nossa realidade “concreta”, histórica, enquanto que os mundos que conhecemos com a ficção são “irreais”. A literatura seria, assim, uma “cosmografia comparada das perspectivas extra-mundanas” (NODARI, 2015, p. 81).

Nodari articula com Viveiros de Castro uma ideia da antropologia como prática de transformação mutuamente imbricada no encontro com o outro, em que não se se torna o outro, mas em que o eu-antropólogo se devém outro (de si mesmo) a partir do contato com o mundo e a perspectiva do nativo. De forma similar, o contato com os mundos outros da ficção pode transformar nossas perspectivas e formas de existir, desenraizado nossas visões e posições no mundo. Isso se torna ainda mais aparente, acredito, nos exercícios radicais de produção de mundo que a ficção especulativa propõe, onde o *worlding*, ou, para usar um termo do campo, o *worldbuilding* (construção de mundos) é uma operação literal, ainda mais desamarrada das convenções da realidade que a literatura dita realista. Aí podemos fazer o exercício de “cosmografias comparadas de perspectivas extramundanas” com animais, plantas, rochas, alienígenas, monstros, deuses e, sim, humanos. Nesse sentido, as relações entre a atitude antropológica e o que eu chamo de forma de atenção da ficção especulativa se tornam ainda mais próximas, conforme desenvolverei

adiante, e por isso podemos falar também da ficção como uma antropologia especulativa.

Para esse artigo, vou me aventurar pelo segundo tipo de campo que especifiquei acima, aquele que caminha pela seara de uma obra literária, experimentando, assim, maneiras de relacionar a antropologia com a ficção especulativa. Para isso, me valerei da trilogia de romances Comando Sul, escrita pelo autor estadunidense Jeff Vandermeer. Focarei-me particularmente no primeiro livro dessa série, chamado *Aniquilação* (2014). A partir desse romance, procurarei pensar em modos de percepção afetados pela ficção especulativa, particularmente modos de percepção engajados numa experiência multiespécies. Com esse intuito, primeiramente apresentarei a obra de Vandermeer em relação ao Antropoceno, a partir de reflexões do próprio autor. Depois, mobilizarei pensadores como Francisco Varela, Gregory Bateson e Tim Ingold para investigar como essas formas de percepção da ficção especulativa também podem ser compreendidas no contexto de uma ecologia da vida. E, por fim, farei um exercício comparativo a partir do conceito de “brilho”, tanto a partir do romance de Vandermeer quanto da antropologia de autoras como Deborah Rose-Bird, uma antropóloga australiana envolvida com os estudos multiespécies e que utiliza o conceito de *shimmer* junto com o povo Yolngu.

Comando Sul e o Antropoceno

A trilogia de livros Comando Sul narra um evento apocalíptico que se irrompe repentinamente na paisagem do sul da Flórida, nos Estados Unidos. Esse evento é uma espécie de paisagem contaminante, lentamente se expandindo, chamada Área X. A princípio sem origem ou objetivo definidos, a Área X modifica radicalmente a paisagem que infecta. Isso, acredito, a aproxima dos efeitos do capitalismo industrial e financeiro nas paisagens – o que poderíamos nomear como Antropoceno, ou Plantationceno, ou Capitaloceno, dependendo das

preferências e objetivos do autor. Mas, de forma talvez oposta ao que encontramos no mundo atual, o principal efeito desse fenômeno ficcional é tornar a paisagem mais selvagem, quase impossível de ser afetada pela ação humana – de fato a Área X é extramente hostil à humanidade, enquanto as outras espécies parecem viver nela tranquilamente¹. Para humanos, a Área X é fonte de inúmeros terrores, sendo a série de livros uma mistura de ficção científica e *weird fiction*, com elementos de horror cósmico.

Em linhas gerais, o horror cósmico, cuja gênese é atribuída ao conhecido autor racista H. P. Lovecraft², trata de humanos que se deparam com seres ou situações tão absurdas, tão maiores que eles, que eles são incapazes de entendê-las e acabam enlouquecendo. No artigo “*Brave new weird*”, Gry Ulstein faz uma analogia entre o horror cósmico e os discursos que envolvem o Antropoceno, pois “ambos podem ser caracterizados pelos usos da insignificância humana quando se encara monstros (antropocênicos) de escala planetária – ou cósmica” (Ulstein, 2017: 80). Ulstein argumenta ainda que, enquanto os escritos de Lovecraft (e de seus herdeiros da *weird fiction*) se voltam para encontros com monstros que levam as pessoas à loucura, as obras que compõem o movimento chamado de *new weird*, em que Jeff Vandermeer se enquadraria, experimentam maneiras de ir além da paralisia do horror cósmico, e, por isso, “o (sub)gênero (...) parece promissor para o pensamento ecocrítico futuro” (Ulstein, 2017: 75). Assim, o diferencial

1 É claro, pode-se argumentar que de fato o capitalismo também está transformando a Terra em ambiente hostil aos seres humanos. A diferença chave, acredito, é que na Área X as outras espécies parecem prosperar, enquanto que no caso do Antropoceno certamente não podemos falar o mesmo.

2 O autor estadunidense do começo do século XX era reconhecidamente racista e xenófobo, como cartas para amigos atestam e conforme sua própria ficção deixa transparecer. Em muitos de seus contos, o encontro com o Outro aterrorizador, que pode levar seus protagonistas à loucura, é uma metáfora do seu ódio e medo profundo em relação a pessoas negras e imigrantes. “Muitas vezes estas metáforas envolvem o seu profundo medo da miscigenação (mistura de raças), mal hereditário, e a sua preocupação de que ele próprio possa ter sangue impura, o que leva o seu tropo do ‘monstro sou eu’ numa direção terrível” (Romano, 2020).

da ficção *new weird* está nas maneiras com que tenta escapar da imobilização provocada pelo encontro com o imensurável, sejam monstros lovecraftianos ou o Antropoceno. No exemplo de Aniquilação, que exploraremos melhor adiante, podemos enxergar essa tentativa a partir da relação simbiótica que se estabelece entre a narradora do romance e a Área X. Não a paralisa ao se deparar com o terreno desconhecido, mas a contaminação interespecífica e a conseqüente alteração das maneiras de habitar a paisagem.

Em um ensaio intitulado “*Hauntings in the Anthropocene*”, o próprio escritor de Aniquilação, Jeff Vandermeer, liga a ideia da Área X ao Antropoceno, ambos sendo objetos muito complicados para serem entendidos em sua totalidade, adquirindo, assim, uma característica assombrosa, inquietante. Por isso ele acredita que a (*new*) *weird fiction* pode ser uma forma de se pensar no Antropoceno e em suas assombrações nas paisagens:

Em vez de criar escapismo, cartografar elementos do Antropoceno através da ficção estranha pode criar uma compreensão maior e mais visceral dele (torná-lo mais visível) - precisamente porque muitos dos efeitos desta era são sentidos na e debaixo da pele, bem como no subconsciente (quer se manifestem como uma negação da morte da civilização ou de uma forma mais pessoal). (Vandermeer, 2016, tradução nossa)

Mais à frente, no mesmo artigo, ele conecta a criação da Área X com o vazamento de petróleo no Golfo do México, em 2010. Como morador da Flórida, particularmente da Costa do Golfo, ele diz que mesmo depois de terem contido o vazamento, o poço de petróleo ainda assombrava os moradores dali, ele “ainda estava em algum lugar, no fundo da minha mente, e eventualmente (...) [coalesceu] na Área X: um lugar estranho em que a natureza estava sempre a tornar-se mais o que sempre foi sem interferência humana: menos contaminada, menos comprometida” (idem).

A relação entre os efeitos do Antropoceno na paisagem e a Área X não é totalmente correlata, é verdade. E ainda bem, afinal, a arte, e a ficção

especulativa, não estão aí para criar alegorias perfeitas das nossas vivências cotidianas, mas, acredito, para explorar possibilidades, produzir sensações. E, então, é exatamente através das sensações que cria, da falta de sentido aparente desse crescimento, dessa contaminação paisagística, e da relação dos humanos com a Área X, que podemos produzir essas relações entre o universo ficcional da trilogia e a realidade das ruínas do capitalismo extrativista, predatório, pós-industrial. Inclusive na paisagem do médio Tapajós. Aqui, onde moro, ao invés do vazamento de petróleo, temos o vazamento de mercúrio contaminando as águas dos rios, os peixes, os indígenas munduruku, os ribeirinhos, os habitantes das cidades. Temos os silos de soja nas margens do rio invadindo a paisagem. Temos o fluxo de embarcações para o escoamento de soja, o fluxo de caminhões nas estradas. Temos o fantasma das hidrelétricas, ainda persistente, nos assombrando. De alguma maneira, parece que o fenômeno Antropoceno, mesmo o localizando nesse território mais ou menos contido, é grande demais para ser apreendido – e ele cresce em escala se conectamos todos os agentes envolvidos nesses complexos processos. Do ribeirinho que trabalha nos garimpos porque precisa, aos políticos locais donos de garimpos ilegais, às grandes empresas internacionais que compram o ouro.

Talvez, então, a ficção especulativa possa nos ajudar, ao criar certas sensações, a identificar essas assombrações, a refletir sobre elas. Penso, por exemplo, no segundo livro da trilogia, chamado Autoridade, que se foca no trabalho de uma agência governamental, chamada de Comando Sul, que investiga e busca solucionar o problema da Área X. Mas, o livro deixa bem claro, ela não tem a menor ideia do que é a Área X nem de como contê-la. A agência manda sucessivas expedições para a Área, e quase ninguém volta. De alguma forma, enquanto iniciativa governamental, o Comando Sul parece até melhor que certos governos, já que ela pelo menos não age a favor do evento apocalíptico. Mas, ainda assim, ela nos lembra de tantas iniciativas infrutíferas na contenção

do aquecimento global e da crise climática. Assim, acredito que a ficção especulativa nos permite olhar para o mundo e suas problemáticas através de um prisma específico, sobre o qual discorrerei a seguir.

Ficção especulativa como modo de atenção

Antes, no entanto, acho importante fazer umas considerações mais gerais sobre a forma com que encaro a ficção especulativa. Em primeiro lugar, acredito que ela seja uma prática investigadora de devires. O que quero dizer é que não se trata de um exercício de futurologia, mas de uma prática de experimentação, uma forma peculiar de articular as relações complexas entre passado, presente e futuro. Transformar em arte futuros virtuais, não com intuito de prevê-los, mas de refletir sobre as potencialidades latentes do nosso próprio tempo e mundo histórico. Acredito, assim, que a ficção especulativa articula questões que circulam no nosso mundo, que são contemporâneas à sua produção. Mas, ao mesmo tempo, ela não emula a nossa realidade, ela produz outros mundos a partir dos devires que circulam no nosso. Ela experimenta. Assim, considero a ficção especulativa como uma prática criadora de mundos possíveis. A teórica feminista Donna Haraway (2016: 119) utiliza o termo *worlding* para falar exatamente da prática de fazer mundos dos textos de ficção especulativa (e extrapola o termo para pensar, por exemplo, a construção de mundos baseados nas relações interespecies).

Uma das grandes potências da ficção especulativa é a possibilidade de pôr em perspectiva a nossa realidade histórica concreta a partir da comparação com os devires que explora e os mundos que cria. Nesse processo, há um entrecruzamento capaz de transformar mutuamente nossa percepção da realidade e a ficção. Ora, essa noção se aproxima particularmente da visão de Eduardo Viveiros de Castro sobre a relação entre antropólogo e nativo, conforme seu texto “O Nativo Relativo”. O autor aposta na equivocidade, na diferença de fato que funda e caracteriza a relação, como aquilo que é mais fértil para a

produção do conhecimento antropológico. O confronto se daria entre o que o nativo pensa e o que o pesquisador pensa que o nativo pensa – e desse confronto se produz uma “mútua implicação, a comum alteração dos discursos em jogo” (Viveiros de Castro, 2002:119). Viveiros nos diz que ponto o de vista do antropólogo é constituído na sua relação com o ponto de vista do nativo, “o que envolve uma dimensão essencial de *ficção*, pois se trata de pôr em ressonância interna dois pontos de vista completamente heterogêneos” (Viveiros de Castro, 2002:123). Quando olhamos para o trabalho do antropólogo como esse que busca produzir efeitos no nosso pensamento a partir do contato com o pensamento do Outro (e vice-versa), talvez possamos entrever que a diferença entre o tipo de percepção calcado na ficção especulativa, na hesitação e nas mútuas implicações produzidas nas relações entre os mundos criados por ela e o nosso mundo atual, e aquela percepção característica da antropologia, calcada na hesitação e mútuas implicações produzidas nas relações entre o pensamento nativo e o pensamento do antropólogo, não seja assim tão grande.

E, quando falo de um modo de percepção específico à ficção especulativa, estou pensando junto com autores como Donna Haraway e Csicsery-Ronay, que apostam na ficção científica não apenas como um gênero literário, mas também como uma maneira de se estar atento ao ambiente. Haraway fala de um modo de atenção SF (do termo em inglês *science fiction*), um modo de atenção que é terraformante, que procura criar mundo (novamente *worlding*), levando em consideração todas as formas de existência em suas imbricações múltiplas (Grebowicz, Merrick, 2013:112). Para Csicsery-Ronay a ficção científica não é apenas um gênero literário ou artístico, mas um modo de consciência, “uma hesitação complexa sobre a relação entre concepções imaginárias e realidade histórica se desdobrando no futuro” (Csicsery-Ronay, 1991, tradução nossa).

Nesse sentido, talvez seja importante pensar em um tipo específico de percepção. Um que não seja representativo, mas criador. E para isso, penso junto com

Humberto Maturana e Francisco Varela. Para esses autores, a linguagem é a “cola” que nos dá a coesão social”, ela “faz com que existamos num domínio sempre aberto de interações linguísticas recorrentes” (Maturana e Varela, 1995:234). Dentro desse sistema de interações linguísticas, o “eu” é uma recursividade descritiva, uma construção, uma forma de mantermos coerentes nossas operações linguísticas e de nos adaptarmos dentro do domínio da linguagem. O que chamamos de mente e consciência são parte integrante do domínio linguístico e, portanto, pertencem ao acoplamento social, só fazem sentido em sociedade. E por isso as palavras são mais que imagens, palavras são ação. Construimos o mundo e a nós mesmos em conjunto, através das nossas ações, dos nossos atos cognitivos, das nossas palavras.

A linguagem nunca foi inventada por um sujeito isolado na apreensão de um mundo externo e, portanto, não pode ser usada como ferramenta para revelar um tal mundo. Ao contrário, é dentro do linguajar mesmo que o ato de conhecer, na coordenação comportamental que é a linguagem, produz um mundo. Realizamos a nós mesmos em mútuo acoplamento linguístico, não porque a linguagem nos permite dizer o que somos, mas porque somos na linguagem, num contínuo existir nos mundos linguísticos e semânticos que produzimos com os outros. Encontramos a nós mesmos nesse acoplamento, não como a origem de uma referência, nem em referência a uma origem, mas sim em contínua transformação no vir-a-ser do mundo linguístico que construimos com os outros seres humanos. (Maturana e Varela, 1995:252-253).

A partir daí, trago outro conceito importante desenvolvido por Varela (dessa vez em parceria com Evan Thompson e Eleanor Rosch), o de enação. A enação também parte do princípio de uma cognição que não é representativa, mas criadora, e mais, incorporada. Assim, a teoria de Varela procura se afastar tanto das vertentes filosóficas realistas que consideram a cognição como recuperadora de um mundo externo pré-determinado, como das idealistas, para as quais a cognição é a projeção de um mundo interior pré-determinado. Trata-se de um caminho que se desvia, ao mesmo tempo, da interioridade e da exterioridade. A cognição é uma ação incorporada. Isso significa, por um lado, que a cognição depende de

que se tenha um corpo e suas estruturas sensório-motoras para que aconteça e que “essas capacidades sensório-motoras estão elas mesmas embutidas em um contexto biológico, psicológico e cultural mais abrangente” (Rosch et al, 2003:177); e por outro que a percepção e a ação, o sensório e o motor, são inseparáveis. Nesse sentido, a percepção é uma ação perceptivamente orientada.

Dessa forma, para os autores, viver é conhecer. O observador e o mundo emergem do mesmo processo construtivo, da ação cognitiva incorporada. O mundo depende do observador e vice-versa; “devemos ver o organismo e o ambiente como reunidos em especificação e seleção recíprocas” (Rosch et al, 2003:178). No mesmo sentido, para a minha pesquisa, penso nessa forma de atentar para o mundo que também o produz. Um modo de atenção que também podemos traduzir como modo de consciência – um modo de percepção do mundo, um ato cognitivo. Se percepção não é só a introjeção da imagem de uma realidade pré-determinada, mas constrói mundos, a ficção especulativa, ao explorar as problemáticas do coletivo, também pode estabelecer formas de percepção da realidade que a alterem, construindo outras significações no próprio tecido desse coletivo que criamos no domínio da linguagem e no qual nos movemos. Ela pode se instaurar no interstício entre o mundo atual e aqueles que ele virão-a-ser e explorar seus devires latentes, criando mundos possíveis que alterem nossa forma de ver a realidade, nossas estruturas cognitivas, e assim transformando, por pouco que seja, o mundo que criamos conjuntamente.

Mente, organismo, ambiente

Partindo das reflexões sobre percepção incorporada que fiz acima, podemos agora nos voltar à pensadores como Gregory Bateson e Tim Ingold, para quem essas discussões também são fundamentais e que nos levam na direção de um pensamento, e de um modo de atenção, ecológico. Pois, como veremos mais adiante, a forma de percepção calcada no exercício especulativo que

encontramos nos livros de Jeff Vandemeer está baseada numa relação direta com o ambiente e as múltiplas espécies que habitam o mundo que ele cria. Assim, o pensamento de Bateson e a forma como ele repercute na obra de Ingold me parece particularmente fértil para entender esse movimento. A ideia batesiana de uma ecologia da mente, que a enxerga como “imaneente ao sistema de relações organismo-ambiente” (Ingold, 2000:16, tradução nossa) e não como uma entidade separada, tanto do resto do corpo humano quanto da “natureza”, se relaciona com o que discuti sobre a enação de Varela, no sentido em que ambas as conceituações procuram fugir de uma cognição representativa e, portanto, fundamentada nos grandes binarismos. A ideia de uma mente que conhece a partir de representações do mundo, decodificando-as de forma alheia ao mundo em si, é uma ideia que reforça a separação entre humanidade (cultura) e ambiente (natureza), além da separação entre mente e corpo e entre corpo e ambiente.

Para Bateson, a mente está muito além dos limites da pele; ele diz, falando sobre a possibilidade de computadores pensarem, que “as linhas [que separam] homem, computador e ambiente são linhas puramente artificiais, fictícias. (...) Elas não são os limites do sistema de pensamento. O que pensa é o sistema total que engaja em tentativa e erro, e que é homem mais ambiente” (Bateson, 1972:340, tradução nossa). Assim, é na porosa relação humano + ambiente que a mente de fato opera, não de forma separada, transcendente.

Para Ingold, a partir de diálogo com Bateson, se quisermos recuperar a realidade dos processos da vida, é necessário que “nos ressitueemos num engajamento ativo e contínuo com nossos ambientes (...). Em resumo, meu objetivo é substituir a dicotomia natureza e cultura com a sinergia dinâmica de organismo e ambiente” (Ingold, 2000:16, tradução nossa). Nesse sentido, Ingold fala de uma ecologia da vida, referenciando a ecologia da mente de Bateson, na qual o “organismo mais ambiente” batesiano configuraria uma totalidade indivisível, e na qual a mente não é uma camada superposta ao organismo

do indivíduo, mas a linha de frente (*cutting edge*) do próprio processo criativo que é viver (Ingold, 2000:19, tradução nossa). Se um dos objetivos de Ingold é o de avançar, para além das separações que já delineamos, na direção de um outro entendimento do ambiente e da paisagem, parte do seu projeto é também denunciar práticas antropológicas que insistam que a percepção “nativa” é apenas a sobrecodificação de um mundo natural a partir de noções culturais pré-concebidas. Para o autor, o conhecimento sobre o mundo se dá em um processo contínuo de descobrimento, a partir de uma pedagogia da percepção repassada de geração e geração, mas que só faz sentido quando de fato experimentada no ambiente, de forma incorporada.

Desta forma, verdades inerentes ao mundo são, pouco a pouco, reveladas ou desveladas ao novato. O que cada geração contribui para a próxima, neste processo, é uma educação da atenção (Gibson 1979: 254). Colocados em situações específicas, os novatos são instruídos a sentir isto, a provar aquilo, ou a ter cuidado com aquela outra coisa. Através desta afinação das capacidades perceptivas, os significados imanes no ambiente - ou seja, nos contextos relacionais do envolvimento do perceptor no mundo - não são tanto construídos como descobertos. (INGOLD, 2000:22, tradução nossa)

É no contexto dessa “educação da atenção” que, acredito, também podemos localizar certas obras de arte. E, no que interessa à minha pesquisa, a literatura especulativa. Não é o caso, no entanto, dessas obras serem espécies de bastiões morais que imprimam seus valores “corretos” no mundo a partir de sua interpretação particular da realidade. Para Ingold, falando a partir do contexto do povo aborígine australiano Pintupi, “músicas, histórias e desenhos servem para conduzir a atenção dos seus executantes [*performers*] para dentro do mundo, mais fundo e mais fundo, como alguém que procede de aparências exteriores para um envolvimento poético cada vez intenso” (Ingold, 2000:56). Assim, o exercício artístico não seria uma maneira de representar o mundo metaforicamente, mas um engajamento poético com o ambiente, para além “da dicotomia entre o material e o mental, entre interações ecológicas na natureza e construções culturais da natureza” (Ingold, 2000:57). Fazer arte, assim, seria também o que Ingold chama de

“maneiras de habitar” (*ways of dwelling*), tanto quanto caçar e coletar, todas sendo atividades que envolvem “o mesmo engajamento atento com o ambiente, e a mesma busca exploratória por conhecimento” (Ingold, 2000:57).

Assim, podemos pensar nessa forma de atenção evocada por Ingold, na arte como um envolvimento poético com a paisagem e com o ambiente, também para a ficção especulativa. Se é verdade que a mente é imanente à equação “organismo mais ambiente”, já indissolúveis no processo criativo da vida que constrói mutuamente todas as partes nos mesmos movimentos, então o fazer, e o usufruir artístico, podem ser pensados como formas de intervenção e desvelamento do mundo, maneiras de construir e habitar paisagens, como vimos de forma parecida com Varela e Maturama. Nesse sentido, a ficção especulativa pode ser uma maneira de habitar paisagens ainda não existentes, paisagens potenciais, mas que de todo modo nos apresentam possibilidades para viver nas paisagens muito reais que existem no nosso mundo atual. Habitar a Área X, por exemplo, pode conduzir nossa (ou a minha) atenção para “mais fundo” da paisagem do médio Tapajós, em suas contaminantes similaridades. Ou pode ser uma educação da minha atenção para mundos multiespécies, conforme desenvolverei melhor a seguir a partir do conceito de “brilho”.

Cintilações multiespécies

Aqui, então, volto à trilogia Comando Sul para pensar no modo de atenção à paisagem que percebo nos livros de Vandermeer e que pode, de alguma forma, ser também um guia para a minha pesquisa. O primeiro livro da série, Aniquilação, narra uma incursão à Área X feita por uma equipe só de mulheres: uma psicóloga, que é a líder da equipe; uma antropóloga; uma topógrafa; e uma bióloga, especializada em ecossistemas transicionais. O livro é narrado em primeira pessoa pela bióloga e, de fato, a história é o seu caderno de campo, o seu registro da expedição. Aqui, me interessa particularmente um momento da história em que a equipe encontra no

território da Área X um estranho túnel, que a bióloga sente que é uma torre. Elas descem as escadas em espiral e encontram estranhos pixos nas paredes, uma longa frase que desce sinuosamente por toda a extensão percorrida. Uma frase viva, escrita com fungos. A bióloga, fascinada, se aproxima da frase, e um esporo do fungo se solta das palavras e entra por sua narina. Nesse momento ela é contaminada. A partir daí, de forma crescente, a personagem começa a sentir dentro dela o brilho (*shimmer*), uma estranha sensação, com a qual ela se sente menos cansada, em que as cores ganham mais intensidade, o mundo se tona mais cintilante. Ela diz:

O brilho que infectara meus sentidos estava se espalhando pelo meu peito; não tenho outra forma de descrever o que sentia. Dentro de mim havia um brilho, uma espécie de formigamento de energia e de expectativa que combatia minha sonolência. Isso fazia parte da mudança? Mesmo assim, não tinha importância – eu não tinha meios de combater o que acontecia em mim. (Vandermeer, 2014:56)

Eu enxergo esse brilho, essa cintilação, como uma forma de perceber a paisagem, uma forma de atenção contaminada por essa paisagem. Já afeita a perceber ecossistemas, quando contaminada a bióloga passa a enxergar o ambiente em suas cintilações multiespécies. Assim, eu já estava pensando nessa ideia como uma espécie de metáfora, ou figura operacional para a pesquisa, a ideia de se deixar contaminar pela paisagem, mesmo uma paisagem em ruínas, para conseguir perceber melhor as variadas interações entre humanos, extra-humanos e mais-que-humanos que as compõe. E então, por essas vicissitudes do caminho teórico, eu estava lendo o livro “*Arts of living in a damaged planet: ghosts of the anthropocene*” (2017), organizado pela Anna Tsing, entre outros, quando encontrei o texto, “*Shimmer: when all you love is being trashed*”, da Deborah Rose-Bird. O artigo fala das relações de sedução entre árvores angiospermas e raposas voadoras, uma relação multiespécies polinizadora que ela acompanha em seu trabalho de campo na Austrália. Para falar dessa relação de atração, ela usa o termo *shimmer*, ou brilho, o mesmo usado (no inglês) por Jeff Vandemeer em seus livros. Ela usa a partir do termo

bir'yun, também traduzido como brilho, do povo Yolngu, do nordeste do território australiano, um termo que faz parte do vocabulário estético dessa população.

A autora diz que “Shimmer é uma estética aborígene que nos conclama para estes mundos multiespecíficos. Utilizo o termo ‘estética’ de uma forma não técnica para discutir coisas que apelam aos sentidos, coisas que evocam ou capturam sentimentos e respostas” (Rose-Bird, 2017:53). Deborah remete ao texto “From dull to brilliant”, de Howard Morphy, que discorre sobre essa prática estética Yolngu, principalmente a partir de pinturas em que o processo de fazer hachuras produz esse brilho, ou bir'yun. Assim, ele diz, “o bir'yun é o efeito cintilante de pinturas finamente hachuradas que projetam um brilho que é visto como emanando dos próprios seres wangarr (Ancestrais) - este brilho é uma das coisas que dotam a pintura de poder Ancestral.” (Morphy, 1989:28). Assim, o brilho entre os Yolngu vem da sua relação com os extra-humanos, com o poder dos seus ancestrais. E, além disso, ele diz que “as pinturas codificam significados que se referem aos acontecimentos do passado ancestral que resultaram na criação da paisagem, incluindo, naturalmente, os acontecimentos que levaram à criação do próprio desenho” (Morphy, 1989:25). Assim, o brilho se refere também à própria criação da paisagem.

Rose-Bird vai utilizar, então, esse conceito para pensar no brilho, na beleza, das relações multiespecíficas. Como, em meio a toda a violência das extinções em massa, de toda a violência do antropoceno, podemos olhar também para essas relações de cuidado mútuo, de sedução, de atração entre espécies que perfazem a paisagem. Junto com ela, e com o Vandermeer, com a ficção especulativa, penso também, então, no brilho, no shimmer, no bir'yun, como uma forma de perceber a paisagem, de atenção especulativa em relação a ela, pensando junto humanos, fungos, alienígenas, árvores angiospermas, raposas voadoras, peixes, rios, e o que mais surgir no meu caminho da pesquisa. Nas ruínas do

antropoceno, deixar-me seduzir por essas relações multiespécies como uma estética de sobrevivência.

Acredito, assim, que o brilho que invade a bióloga é uma maneira de atenção, de entrar mais fundo e mais fundo na paisagem da Área X, num processo em que mente e ambiente são indissociáveis. Saberemos depois, em outros livros da trilogia de Vandermeer, que quem escreveu as palavras vivas, micélicas, que a contaminam é uma entidade chamada O Rastejador, um ser meio humano e meio alienígena que busca terraformar o nosso planeta para prepará-lo para uma raça que, tragicamente e sem que ele saiba, já está extinta. Assim como o brilho dos Yolngu, guardadas todas as dessemelhanças, trata-se também de uma relação entre humanos e mais-que-humanos que é produtora daquela paisagem particular. É esse emaranhado complexo de relações que contamina a bióloga e permite que ela se engaje de forma mais profunda com aquele lugar, permite que ela o descubra, de forma aguçada e cintilante, experimentando-o na sua relação com as outras espécies que o compõe.

Então, dessa maneira, a Área X, a ficção de Vandermeer, pode ser também um campo para pensar as paisagens contaminadas no Antropoceno, e para experimentar maneiras de perceber essa paisagem que estejam atentas às relações multiespécies que as compõem. E, através da ideia do brilho, procurei afetar e entrelaçar o pensamento antropológico com a ficção especulativa, voltando ambos para a necessidade de outros futuros, da sobrevivência nas ruínas do capitalismo pós-industrial. São por essas veredas, pensando especificamente a partir do médio Tapajós, que pretendo continuar.

Referências Bibliográficas

BATESON, Gregory. 1972. Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology. São Francisco: Chandler Pub. Co.

- CSICSERY-RONAY, Istvan. 1991. “The SF of theory: Baudrillard and Haraway”. *Science Fiction Studies*, 55(18). Disponível em: <<http://www.depauw.edu/sfs/backissues/55/icr55art.htm>>. Acesso em 26/07/2021.
- GROBOWICZ, Margret; MERRICK, Helen (Orgs.). 2013. *Beyond the cyborg: adventures with Donna Haraway*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- HARAWAY, Donna J. 2016. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham e Londres: Duke University Press.
- INGOLD, Tim. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. 1995. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Editorial Psy II
- MORPHY, Howard. 1989. “From Dull to Brilliant: The Aesthetics of Spiritual Power Among the Yolngu”. *Man, New Series*, 24(1): 21-40.
- NODARI, Alexandre. 2015. A literatura como antropologia especulativa. In: *Revista da Anpoll*, nº 38: 75-85.
- SAER, Juan José. 2009. O conceito de ficção. In: *Sopro*, 15: p.1-4.
- ROMANO, Aja. 2020. Lovecraftian horror — and the racism at its core — explained. *Vox*. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/21363945/hp-lovecraft-racism-examples-explained-what-is-lovecraftian-weird-fiction>. Acesso em: 27/06/2022.
- ROSE-BIRD, Deborah. 2017. “Shimmer: when all you love is being trashed”. In: TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils (Orgs). *Arts of living in a damaged planet*. Minneapolis: The University of Minnesota Press.
- ULSTEIN, Gry. 2017. *Brave New Weird: Anthropocene Monsters in Jeff VanderMeer’s The Southern Reach*.

In: *Concentric: Literary and Cultural Studies*, 43 (1): 71-96.

VANDERMEER, Jeff. 2014. *Aniquilação*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.

_____. 2017. “Hauntings in the Anthropocene”. *Environmental critique*. Disponível em:

<<https://environmentalcritique.wordpress.com/2016/07/07/hauntings-in-the-anthropocene/>>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. 2003. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. O nativo relativo. *Mana*, 8(1): 113-148.

Enviado: 30/03/2022

Aceito: 14/04/2022